

O COMING OUT DE LÉSBICAS EM UMA ZONA RURAL: SISTEMATIZA ÇÃO PARCIAL DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO.

Maranhão, Renata Queiroz; Santos, Marcos Andrade Alves dos; Silva, José Kasio Barbosa da

Universidade Estadual do Ceará – UECE, Renata.maranhao@uece.br; Universidade Estadual do Ceará – UECE, marcos.andrade@aluno.uece.br; Universidade Estadual do Ceará – UECE, jose.kasio@aluno.uece.br;

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar uma sistematização provisória e parcial de uma pesquisa em andamento e que possui por objetivo etnografar o *coming out* de mulheres lésbicas em uma zona rural do interior do estado do Ceará. Especificamente pretende conhecer de que modo as mulheres vivenciaram a descoberta/construção de sua sexualidade homoerótica, os processos de autoaceitação aí envolvidos e partir daí, como foram transformando suas relações de sociabilidade nas diversas instituições e espaços sociais que ocupavam (família, emprego, igreja, lazer público, pra citar alguns). Também pretende verificar como essas meninas pensam sua ação no sentido da promoção de tensões sociais que desestabilizariam a ordem dominante se constituindo, deste modo, em uma ação de resistência. Os dados parciais e provisórios apontam para a introdução das novas tecnologias como meios facilitadores do processo de assumir-se lésbicas. Ao lado desta mudança, ou mesmo imbricada nela, é possível perceber processos que reiteram ordenamentos patriarcais e homofóbicos que podem vir a ser forjados no agenciamento família e igreja - duas das principais instituições formadoras da juventude rural pesquisada - e que parece ser vetor de impactante desestabilização nos enlances sociais das mulheres pesquisadas, constituindo-se em um duplo abandono familiar.

Palavras-chave: *coming out*, mulheres lésbicas, zona rural.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre gênero e sexualidade, em sua maioria, concordam com a ideia de que vivemos em uma sociedade heteronormativa. Como diz Miskolci (2009, 56-157), a heteronormatividade pode ser compreendida como um “conjunto de prescrições que fundamentam processos sociais de regulação e controle (...). [Ela]expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade”. A heteronorma, além de outros fatores, é sustentada também por uma prática constante de reiteração da homofobia que, como nos diz Borrillo (2010), é um sentimento complexo que pode ser expresso tanto por aversão ao homossexual como a própria homossexualidade.

Neste cenário, há de se observar que os modos como tais ações incidem sobre os indivíduos diferem quando em contextos e locais específicos. Ao que tudo indica, há diferenças que podem ser

encontradas entre os “modos de vida gay” existentes no campo e nas cidades. (Eribon, 2008). Os estudos parecem concordar que o meio urbano favorece à "saída do armário". Isto por que, nas cidades, a existência de guetos, somada à possibilidade de anonimato existente nos meios de grandes contingentes populacionais, parecem atuar como elementos facilitadores em relação a esse processo (Eribon, 2008; Prado e Machado, 2012).

Processo complexo o *coming out* (sair do armário), tem sido compreendido, desde Sedwick (2007), como uma característica fundamental na experiência formadora na vida social de gays e lésbicas. Dependente de variáveis importantes, tais como aceitação e apoio familiar, materialidade do entorno social na produção de espaços de convivência gays, dentre outros, o *coming out* é um percurso importante na vida de pessoas LGBTTs -lésbicas gays, bissexuais, travestis e transexuais - em especial os jovens, quando devem estabelecer relações entre seus desejos e suas práticas sexuais.

Em nosso imaginário coletivo, tendemos a associar zonas rurais a um modo de vida estático, idêntico a si mesmo ao longo de sua existência, depositário ideal das tradições. De outro modo, nesta abordagem, com Wanderley (2000:88) nos informa, “O 'rural' não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade. Ao contrário, esta é uma categoria histórica, que se transforma”. Tais transformações levam a autores como Castro (2009) e Stropasolas (2002) a proporem uma neo-ruralidade.

Dentre as transformações possíveis, no Brasil assistimos a um processo migratório crescente de jovens e mulheres campesinas, provável reação ao patriarcalismo e machismo ainda imperante que convive com um esforço de diversos agentes públicos (estado, ONG's, movimentos sociais diversos) que procuram promover a fixação das pessoas no campo incluindo, em suas ações, o empoderamento de jovens e mulheres no sentido da transformação da condição feminina nestes contextos. O campo é, portanto, um lugar de disputa, que se processa, também, a partir do uso de tecnologias da informação – com destaque para o uso de *smartphones* - que têm servido à integração de moradores da zona rural no universo da rede mundial de computadores.

O trabalho que aqui se apresenta, é fruto de um processo que se inicia no Grupo de Estudos sobre Heteronormatividade na Escola – GEHE, cujo *lôcus* é a Faculdade de Educação de Itapipoca, da Universidade Estadual do Ceará e que vem sendo desenvolvido no interior do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará. Ao término deste curso o esforço será pela plena realização de um estudo etnográfico sobre a experiência do *coming out* entre lésbicas moradoras de um distrito da zona rural do interior do Ceará. Reforçando o que já foi dito, a

busca será pelo conhecimento do modo como as mulheres vivenciaram a descoberta/construção de sua sexualidade homoerótica, os processos de autoaceitação aí envolvidos e, a partir daí, como foram transformando suas relações de sociabilidade nas diversas instituições e espaços sociais que ocupavam sobretudo na família, no emprego, na igreja e no lazer público, pra citar apenas alguns. Também pretende observar como essas mulheres têm manifestado ações que podem ser caracterizadas como comportamento de resistência. Nessa empreitada espera-se contribuir para elucidação de estudos sobre os modos de vida de mulheres lésbicas, especialmente as que habitam em contextos rurais, alargando as possibilidades da produção de conhecimento nas áreas de gênero, corpo e sexualidade.

METODOLOGIA

O lugar onde se realizará a pesquisa, dista aproximadamente 135 km de Fortaleza e conforme dados do censo 2010 – IBGE, tem aproximadamente 13.000 habitantes, sendo um distrito de Trairi-CE. A renda desta localidade provem de atividades ligadas a agricultura, a pesca e a dependência de programas sociais e previdência, sendo que uma pequena parcela da população possui emprego com carteira assinada. As permutas de experiências entre jovens são mais visíveis e restritas aos espaços das escolas em que estudam e das igrejas evangélicas e católica. No que diz respeito aos espaços públicos de lazer, pode-se ver que na zona rural pesquisada que não há políticas que os dinamizem. Assim, as interações em entre jovens limitam-se a frequência nas praias e lagoas e aos encontros na praça da igreja matriz.

A chegada ao distrito se deu através de informações trazidas pelos alunos integrantes do GEHE e também por meio de moradores da localidade. A informação era de que na cidade, dois casais de lésbicas estavam assumindo seu *coming out* e provocando alguns burburinhos.

Quatro são as mulheres lésbicas que participam desta pesquisa. Estas formam dois casais: Lina e Sissi e Dena e Yara. Em um primeiro momento, foi realizada uma entrevista semiestruturada, com cada casal. A entrevista permitiu conhecer um pouco da história de cada jovem, o modo como se descobriram e as principais dificuldades e alternativas encontradas para assumirem-se gays. Um dos casais também foi observado, durante um fim de semana, em situações sociais diversas, junto a seus amigos e nos contextos que lhes são familiares (praia, praça, pizzaria). Durante esta etapa foi usado o recurso do diário de campo.

PRIMEIROS RESULTADOS E DISCUSSÃO.

As histórias das experiências de autodescoberta, para cada menina, varia. Lina e Yara, aparecem como pessoas que percebem a experiência do primeiro beijo como algo que funcionou para localizá-las em uma ordem de desejo diferente do desejo heterossexual. Yara, ao ser perguntada pelo primeiro contato físico de teor sexualizado (atração sexual, toque sexuado, beijo, etc.) com uma garota comentou: “eu acho que foi com doze anos, foi com a vizinha, e depois com a prima da vizinha e...” uma continuidade foi se revelando, desde o primeiro contato homoafetivo”.

Mas para outras duas garotas, o primeiro contato físico de teor sexualizado não pareceu ser um ponto de partida plenamente reconhecido. Um dado interessante foi observar a separação que fazem entre a primeira experiência do beijo e a consciência de pertencer subjetivamente a uma categoria geral a que se pode chamar de lésbicas. Para Sissi, por exemplo, o primeiro beijo foi “uma brincadeira inocente” pois “não sabia realmente o que estava acontecendo”. Ao narrar sobre o momento no qual passa a se perceber como lésbica conta que seu primeiro relacionamento foi com uma garota apresentada por um primo pelo aplicativo *What’s App*. A partir daí *a gente começou a conversar, sabe. Mas a gente não chegou a se encontrar não. Mantínhamos um relacionamento à distância, mas só pelo aplicativo. Mas eu gostava dela, eu sofri demais*. Na distância, o encurtamento do espaço físico se deu exclusivamente através do uso do aplicativo.

Dena, por sua vez, afirma que desde os 16 anos se sente atraída por pessoas de seu mesmo sexo mas que sua formação familiar religiosa fez com que ela mantivesse relações com meninos para se livrar de tal desejo. Precisou sair da cidade, indo para uma cidade mais próxima e desenvolvida (Itapipoca) para viver a sua primeira experiência. De algum modo, a fuga para a cidade, tão ressaltada na obra de Eribon (2008), se realiza tanto no ato de Dena como no de Sissi. As próprias alterações da vida rural, influenciadas pela relação entre o global e o local, sobretudo pelo uso das tecnologias e por outros processos pelos quais o campo se transforma, ocasionam formas parciais de fugas para aquelas que vivem no campo. Conectar-se com outra menina, viver uma experiência lésbica sem se colocar ao olhar da vida pública parece ser uma experiência possível através da virtualidade que se realiza através dos aplicativos. Trata-se de um modo de se transportar para um encontro ou para vários encontros uma vez que, na circulação real cotidiana dentro do distrito onde se desenrola a pesquisa, parecia não ser passível de acontecer.

A mediação do mundo virtual, no caso das quatro mulheres entrevistadas, também se faz sentir no uso do *Facebook*, em especial, para o casal formado por Yara e Dena, que não frequentam a cena pública, devido ao “falatório” que estar na praça gera na casa de Dena. A escolha de uma

rede de amigos, mesmo que conectadas com pessoas da cidade, justifica seus *coming out* virtuais. Não sem manobras: Dena, por exemplo, excluiu os pais da sua rede de amigos imaginando ter uma maior autonomia acreditando que: *todo mundo pensa igual eu, não sei, nas redes sociais a gente pode falar o que quer*” e já que *“pessoalmente você é discriminada no Facebook você não é. Não se trata de negar que não saibam que isto se espalha na cidade, pois como Diana diz, “a gente consegue se expor assim, aí a rede social é um veículo muito rápido que agente mesmo falando um A, e todo mundo vai saber que eu falei um A”*. O transporte da ação para a esfera virtual, parece funcionar como um escudo entre para quem se fala e o que falar para todos com menor risco de ser julgada e passar por discriminações.

Neste sentido, para compreender a saída do armário deve-se levar em conta que “as condições de existência dos indivíduos e de seus sofrimentos e alentos estão diretamente implicadas pela qualidade das relações sociais e institucionais que se encontram no contexto histórico e social da vida em sociedade” (Prado e Machado, 2012:17). No caso do contexto rural, a transformação operada pelo crescente uso de Smartphone, tem colaborado no sentido da promoção de uma maior visibilidade e afirmação das mulheres pesquisadas.

A família, aparece como o lugar mais tenso da vida dessas mulheres. Ao se revelar para a família, diante do medo de ser delatada por alguém que a havia visto com outra garota, a família de Yara arma uma cena, que, conforme diz Dena, foi de *cinema*. Yara foi para Brasília *forçada, fugindo* em uma operação que ela desconhecia e que envolveu *carro alugado, passagem já comprada, tudo, tudo*. Lina, sofre agressões verbais e até mesmo física de suas, então, cunhadas. Dena ouviu da mãe *eu acho isso nojento, eu preferia ver você, morta*.

Frasão e Rosário (2013) argumentam que comunidades onde a família segue preceitos religiosos, normalmente a homossexualidade é vista como anti-família e anti-comunidade, já que esta é orientada para o casamento, para descendência e para a integração comunitária. Convém ressaltar que, para as entrevistadas, o desejo de migrar para a cidade, nas quatro mulheres, é sempre justificado como fuga da família.

Quanto a Sissi, por ter dois irmãos assumidamente gays, dentre as meninas entrevistadas, foi a que relatou menor intensidade de embates na vida doméstica, limitando-se a descrever que a família sabe, mas não há diálogos sobre o assunto em sua casa.

Algumas manobras são realizadas no sentido de melhorar a convivência: Lina passa a morar só pra abrigar Sissi em sua casa. Dena, que é proibida de ver Yara, não chega às

proximidades de sua casa. Quando vai buscá-la pra sair, a moto para distante, isto é, a algumas ruas da casa em que Yara mora. O encontro no trabalho foi uma opção que gerou a demissão de Lina do emprego, após o chefe ter sabido sobre um beijo que aconteceu no provador da Loja. .

Não é pouco importante o fato de que as famílias das garotas tenham uma relação bastante intensa com a igreja. Lina diz que parou de frequentar a igreja depois do fim do seu casamento – que em sua avaliação aconteceu por ter sido forçado por uma articulação entre família e igreja. Este casamento a fez se sentir-se “estuprada por 7 anos”. Criada dentro da igreja, a separação do ex-marido, a motivação para a ruptura através do namoro com Dena, foi o cenário para suas observações posteriores: *frequentei o os cultos algumas vezes, mas não me sentia bem por que os irmãos olhavam com cara Feia*. O olhar reprovador também é narrado por Sissi. Junto com ele, a quebra na comunicação com membros do grupo, que pode ser percebida quando ela afirma: *as pessoas já não falavam mais comigo, eu não sabia o porquê. Eu acho que elas já desconfiavam*. Dena, revelou seus desejos a membros da igreja como forma de contê-los. Recebeu aconselhamentos de orações para realizar tal fim. Observando não ser possível barrar o desejo, percebe que sua relação com a igreja estava *esfriando, esfriando. (...) a igreja se afastando de mim e eu da igreja*.

Os dados acima revelam uma situação de duplo abandono familiar. Considerando que, conforme a cosmovisão cristã, os cristãos constituem uma grande família de irmãos em Cristo, e atentando para o fato de que, na localidade, as relações de sociabilidades são marcadamente operadas dentro das instituições religiosas, duas são as famílias fraturadas. Em lugares onde as relações de sociabilidade se reduzem, praticamente ao universo das igrejas, isso não deve ser vivenciado sem intenso sofrimento, pois, como diz Sissi *eu sentia vergonha do meu pecado, por isso fui me afastando*. Déna, por sua vez, se sentia *como um carrapato que anda num cachorro*, um ser incômodo, certamente, o que lhe fez parar de ir para a Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações acima parecem indicar que apesar das características da zona rural, o uso de *Smartphones* e a decorrente entrada nas redes sociais têm se constituído fatores que oportunizam o *coming out* lésbico nas zonas rurais. Por outro lado, observa-se que duas importantes instituições formativas da condição jovem, ou seja, a família e a igreja, exercem papel preponderante no assumir das opções sexuais uma vez que pretendem a doutrinação e realizam fortes represálias que vão desde o agenciamentos ordenados para barrar o desejo emergente (orações para cura, casamentos arranjados) até mesmo a expulsão velada dos encontros que se desenrolam no interior

das Igrejas, provocando uma dupla forma de abandono. Com poucas referências de apoio, a migração para outras instâncias torna-se uma meta.

Reforçando a justificativa da importância desta temática, concluímos com uma citação de Osterne: (2015:2)

Está sendo possível perceber uma certa "virada discursiva", pelo direito à diversidade na sociedade contemporânea. Por conta disso, poderíamos dizer que o mundo está se tornando menos racista, menos misógino, menos homofóbico, menos xenófobo, menos patriarcal e menos elitista? Arriscaria dizer que sim. Não obstante, ainda muito longe de caracterizar uma sociedade efetivamente preparada para evoluir rumo a universalização da justiça social. Nas sociedades, uma socialização diferenciada daquela que é considerada ideal pode ser considerada uma não socialização. A padronização do social, a massificação das culturas, a pretensa igualificação dos comportamentos ferem profundamente a condição original do ser no mundo. A rigor, os seres deveriam ter a possibilidade de interagir e expressar-se com sua peculiar diversidade. A expectativa social, entretanto, é que cada um seja igual ao outros. Os preconceitos, por exemplo, são o resultados de todo processo que cria a norma, e, a partir dela, o que fica de fora, é desvio, é considerado inadequado e indesejável. O diferente é colocado numa condição de desqualificação e menos valia na escala social. Entre estes sujeitos, estão principalmente, os índios, os negros, os portadores de necessidades especiais, as mulheres, os homossexuais e os pobres. Este é um grande custo social. Um dos elementos mais eficazes para a criação da norma são os discursos, do Estado, da Família, das Escolas, das Igrejas, enfim, das instituições e dos grupos sociais. Discursos que têm sua base alicerçada por visões de mundo compartilhada pela cultura patriarcal, pelo capitalismo, pelo poder em geral e seus derivados micro poderes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R., S. M., CORTINA, N., BALDISSERA, I. T., FERRARI, D., & TESTA V. M. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessório.** Brasília: UNESCO, 1998.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito.** Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2010.

CASTRO, E. G. **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator.** *Revista Latino americana de ciências sociais.* Niñez, juv (7)1: p. 179-208, 2009.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Ed. Companhia de Freud, 2008.

FRASÃO, P & ROSÁRIO, R. **O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares.** Em: *Revista Análise Psicológica*, 1 (XXVI), pág. 25-45, 2008. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap>, acessado em 17/01/2017.

MISKOLCI, R. **A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** *Sociologias.* Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-192, jan/jun 2009.

MURASAKI, A. K. & GALHEIGO, S. M. **Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais.** em: *Cadernos de Terapia Ocupacional*, VOL 24, N. 1, 2016. Disponível em:

<http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1264>, acessado em 12/10/2016.

OSTERNE, M. S. F. **Novas Normalidades** - Questões socialmente não aceitas, ainda que existentes na sociedade atual. Entrevista concedida à jornalista Ana Mary Cavalcante do JORNAL O POVO em 20 de outubro de 2015.

PRADO, M. A., Machado, F. V. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. 2ª. Ed. São Paulo: Ed Cortez, 2012.

SEDGWICK, E. **A epistemologia do armário**. Tradução publicada em: *Cadernos Pagu*. N. 28, páginas 19-54, 2007.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**: o caso dos(as) filhos(as) de de agricultores familiares de Ouro/SC. 288 páginas. Tese de doutorado defendida em 11/04/2002. Universidade Federal de Santa Catarina, disponível em:
<https://repositorio.usfc.br/bitstream/handle/123456789/82617/184359.pdf?sequence>, acessado em 18/06/2016.

WANDERLEY, M. N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas** – o rural como espaço singular e o ator coletivo. Em: Estudos Sociedade e Agricultura, n 15, OUT, 2000. disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/178-434-1-PB%20(2).pdf, acessado em 15/10/2016.